BR.TBES.C 064

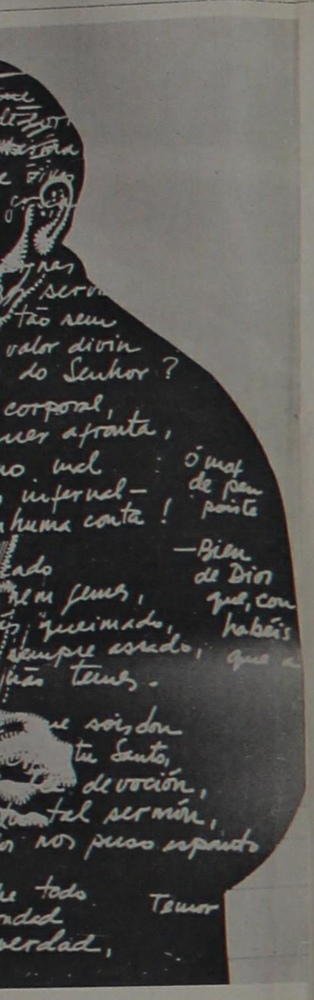
O TEATRO NO ESPÍRITO SANTO

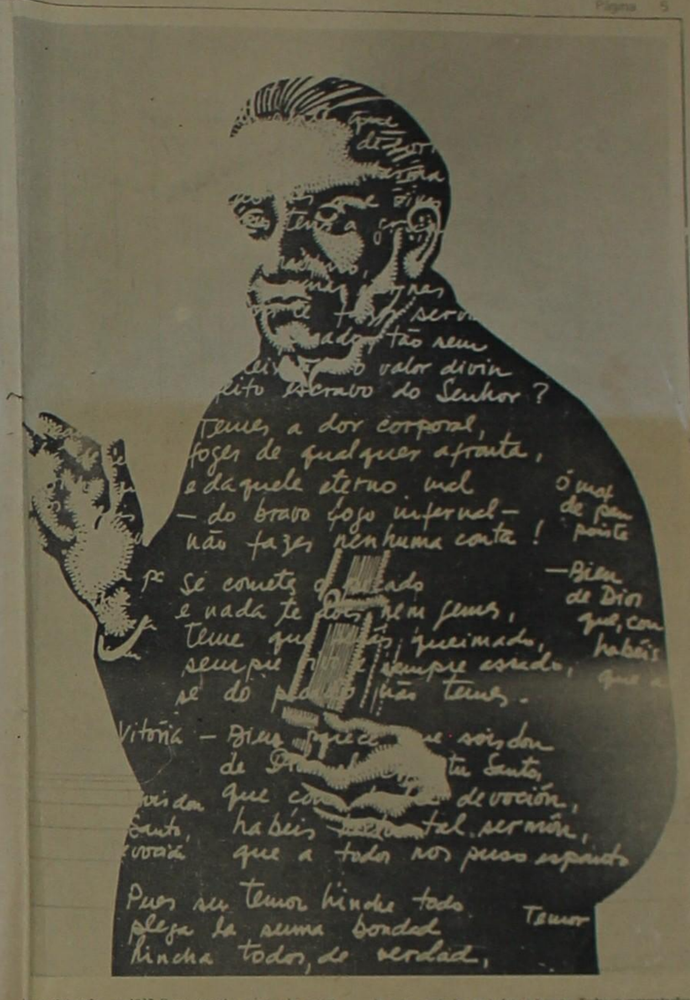
museu e futuro

Por Milson Henriques (*)

Fotos do arquivo

Está em fase adiantada de ensaios o espetáculo "Anchieta- Depoimento", que deverá marcar o início das atividades de um novo grupo teatral da cidade: o Teatro da Barra. O espetáculo terá sua estréia ao ar livre, defronte à igreja da Barra do Jucu, já no próximo mês de março. "Anchieta- Depoimento" é uma peça didática sobre o Padre Anchieta, o jesuíta que terminou os seus dias no Espírito Santo, depois de ter colaborado sobremodo para um maior entendimento entre os portugueses colonizadores e os nativos. O texto foi escrito pelo professor Paulo de Paula, que nos anos 50 realizou alguns espetáculos em Vitória (com estudantes de um curso de inglês da cidade). Agora ele reinicia o seu trabalho, depois de uma permanência nos Estados Unidos e na Guiana, com o Teatro da Barra. Durante muito tempo, Paulo pesquisou sobre a vida de Anchieta, principalmente sua passagem pelo Espírito Santo, e elaborou o espetáculo, o qual é também diretor e intérprete do Padre Anchieta. A construção da peça é decididamente marcada pelo estilo de teatro que se convencionou chamar de "anchietano", já que o Padre utilizou fórmulas teatrais (os conhecidos autos) no seu trabalho de catequese, iniciando, desta forma, o Teatro no Espírito Santo. Neste artigo de Milson Henriques, é feita uma retrospectiva do teatro em nosso Estado, desde o tempo de Anchieta, período colonial, os passando pelo anos do Império, até os nossos dias.





rama (Da Ladra do Excelso Pe. Marcelino Pinto Ribeiro Duar-
companhado do elogio dramático Outeiro, escrito por Luís
va Alves Azambuja Suzano (Pe. Marcelino, nascido na Vila da
, filho natural, professor de Filosofia e política, em 1817
u com o governo capixaba, indo para o Rio, onde foi preso.
ale sua prisão, alguém escreveu e apresentou uma comédia
da em sua vida irregular, ao que o padre retrucou escrevendo
médio em versos O Cônego e Inês, que não foi apresentada por
do proibida pela polícia, o que não deixa de ser pioneirismo!
bém em 1827 houve teatro ao ar livre, para festejar o nasci
o do príncipe herdeiro (futuro imperador Pedro II, que ma
iria agraciar o Pe. Marcelino Pinto com o grau de cavalaria d
m da Rosa). Armou-se uma grande barraca no alto de um
ra, com o palco bem à vista do povo. Camarotes foram prepa
s à direita e à esquerda do declive até junto ao mar, illumin
com lamparinas de azeite de peixe, pavios de algodão em
inhas de barro ou mamão verde cortado ao meio e retirada

om o passar dos anos tornou-se hábito armar teatros a
ar livre, geralmente num sombrio bosque, para realiza
apresentação da peça mais famosa, Perseu e Andrômed
que contava com uma enorme serpente de dois metro
ltura, face horrenda e grandes asas, manejada em seu bojo p
homem que, após dançar e lutar com seu perseguidor, tinha
ça decepada, caindo do pescoço enormes fitas vermelhas q
olizam o sangue, fazendo o povaréu delirar com a morte
a como era chamada.

om a evolução natural do meio, fábulas e comédias comp
a ser apresentadas com o drama, na segunda metade do sécu
oito. A causa de maior benefício no nascente movimento t
fos a dessidência entre dois grupos de festeiros de São Mig
formavam partidos distintos: o partido praieiro, que era fa
do pelo superfóbico dramático vindo da Corte por obséquio
tro São Januário e que, por esse motivo, conseguia ser superio
partido dos latinos, formado pelos estudantes de latim. Fa
lidade foi benéfica pelo apuro maior na cenografia dos grupos
cipalmente pelas buscas de novas peças como Inês de Castro
ta e a Inquisição, Judas e Sábado de Aleluia, O Doutor Sa
além de monólogos, versos heróicos, sextilhas e sonetos, em
em geral pelos padres Marcelino Pinto Ribeiro Duarte, Alvar
Sales e Fraga Loureiro. O palco era ainda armado ao ar livre, c
vo em esteiras pelo chão, enquanto as famílias de recursos l
m os camarotes com suas tigelinhas de azeite.

Em 1855 foi fundada a Sociedade Sete de Setembro, que co
a em seus estatutos com um departamento dedicado ao teatro
1860, foi publicada e posteriormente apresentada no Teatro
o Sebastião, a farsa do Pe. Francisco Antunes de Sequeira, Dona
nhoca, que, depois dos autos dos jesuítas e do drama escrito em
menagem à Monarquia, é a composição teatral mais antiga do
pírito Santo. O Teatro São Sebastião era um casarão improvisa
em sala de espetáculos, situado na Rua Formosa (qual a cidade
Brasil que já não teve a sua Rua Formosa ?), e que funcionou
rante algumas anos sob a direção de João Pereira de Azevedo
tando, mais tarde, com a colaboração de vultos que deram
nde impulso à arte, como Aristides Braziliano de Barcelos Fra
autor de 15 peças, a maioria dramas-fantásticos; Amâncio Pen
autor de 17 peças entre comédias, revistas e comédias infantis
aldo Rodrigues; Cândido Vieira da Costa e outros.

A Sociedade Dramática Particular Melpômene recebeu o amparo
oficial do Governo a 22 de agosto de 1860, de acordo com a Lei
1.083, porém seus estatutos foram aprovados doze anos mais
rde, no dia 10 de agosto de 1872. Aproveitando-se do entusias
o, já no dia 19 do mesmo mês, por iniciativa de Manuel Feliciano
uniz Freire, colocou-se a pedra fundamental do teatro, em sole
dade festiva, ao lado da capela de N. Sª da Conceição, no local
nominado Prainha, hoje Praça Costa Pereira, a principal da cida
. Mas, não seria ainda naquela década que Vitória iria ter o seu
atro. Somente vinte e três anos mais tarde, no dia 14 de dezem
ro de 1895, concluiu-se o aterro dos Pelames e foram iniciadas as
oras de construção do Teatro Melpômene. O principal motivo
essa demora deve-se ao fato de que, devido às suas dimensões
normes para a época, para sua construção teve de ser demolida a
apela de N. Sª da Conceição. Com isso não se conformava o clero
e certa camada do povo, inicialmente, sob a alegação de que a
anta havia sido eleita protetora daquela casa, que agora, com o
agamento, exigia o sacrifício do seu santuário. Após uma grande
ampanha nos jornais, publicando depoimentos do povo, que re-
lamava a falta de um teatro "como nas grandes capitais, mas não
aquele local santo", o Governo da província, em maio de 1881,
utorizou a construção de um outro, que se chamaria Carlos
Gomes, a pouca distância do Melpômene, que, apesar de tudo,
continuou sua obra.

Vitória estava cansada de não ter onde divertir-se. A missa
dominical já não era suficiente para distração de um
povo que recebia cada dia mais notícias sobre espetácu-
los que vinham da Europa para o Rio de Janeiro. E, para
apresentação de grupos amadores da cidade, os locais existentes

O professor Américo Guimarães Costa foi um dos fundadores do Teatro do Estudante Capixaba

eram insuficientes, tanto para o número de pessoas que queriam assistir como o perfeito acabamento de montagem. Como exemplo, a apresentação da comédia do professor Aristides Freire **Surpresas de um Tio**, de enorme sucesso popular.

Também nas cidades interioranas o teatro era um tema constante. Já em 1857 foi inaugurada, no Itapemirim, a Sociedade Dramática Particular. Em 1875, em Barra de São Mateus inaugurou-se o Teatro Terpischore. E na Serra foi inaugurado um pequeno teatro, no ano de 1882.

Finalmente, a 21 de maio de 1896, todo construído com madeira de pinho de riga importada da Suécia, com telhas francesas importadas de Marselha e tendo como atração maior o fato de ser o primeiro local a ter iluminação elétrica na cidade, foi inaugurado o Teatro Melpômene. Trinta e seis anos depois de ter surgido na imaginação dos idealistas que criaram a Sociedade Particular. Dentre os operários que trabalharam em sua contrução, estava o rapazote italiano André Carloni, como aprendiz de pintor e decoração e que mais tarde iria influenciar na vida teatral da cidade.

O Melpômene foi inaugurado por uma companhia européia, como era de bom tom em teatros de categoria: a Cia. Espanhola de Zarzuelas, dirigida pela atriz Júlia Pla, que levou à cena, a opereta cômica **A Mascote**, seguida pela sinfonia **O Guarani** e pelo Hino Nacional Brasileiro, cantado pelos artistas e espectadores. Apesar de exorbitância do preço – cinco mil-réis, cadeiras e varandas; vinte e cinco, os camarotes, e dois mil-réis, a geral –, a lotação foi esgotada.

Durante alguns meses a Companhia monopolizou o novo teatro, mas, depois de certo tempo, talvez devido ao único estilo, fortemente espanhol, das peças apresentadas – **La Tempestad, A filha de Madame Langot, El Barnerilho de Sevilha, Mosqueteiros no Convento, Brincar com Fuego** –, caiu no desagrado do público, que não mais o prestigiou. O Melpômene, que ainda contava com inconformados inimigos religiosos, junto agora com inimigos políticos, quase teve suas portas fechadas, não fora o aparecimento do capixaba Ubaldo Rodrigues, com uma revista-opereta em versos, sobre os costumes locais, explorando a antiga rivalidade entre os partidos político-religiosos da cidade, os Caramurus e os Peroás. Chamava-se **Ontem e Hoje**, e foi apresentada no dia 23 de junho, com sucesso tão retumbante que dois dias antes da estréia a lotação esgotou-se. Durante muitas noites a casa, repleta, aplaudia entusiasticamente números como **Duetos da Federação** e o **Espírito Santo, Especulação, Coro dos Vadios** e principalmente, Coro dos Caramurus e Peroás, que se apresentavam vestidos nas cores dos partidos e faziam o arrebatamento do povo, ao ponto de provocar brigas à saída do teatro, com os últimos versos:

Peroá – A cô azu é celeste, é divina
Os Peroá é que veste, pra machucá.
Caramuru – Deixai-vos de pabulage, ai Peroá
Que eu também trago no traje a cô do má...

Em seguida apresentou-se a temporada da Cia. de Opereta Madeira de Vasconcelos, com a revista **O Lamarão**, que não logrou sucesso, entrando o Melpômene novamente em decadência, levando ao palco apenas espetáculos amadores locais dizendo recitativos, destacando-se o relativo sucesso quando da apresentação do drama **Herança Fatal**.

O século vinte encontrou a cidade vivendo uma enorme pobreza física e Cultural. Com a vida econômica e social atrofiada, as ruas repletas de valas de água podre, becos infectos, sem esgotos, luz e água, animais pastando livremente, as epidemias eram constantes. Tudo isso refletia-se no total desinteresse da população por divertimento. A ignorância era tanta que, em 1902, chegou-se ao ponto de, durante uma epidemia de peste bubônica que fez numerosas vítimas, culpar-se, ainda, a demolição da capela de N. Sª da Conceição para a construção do Melpômene – lugar de pecados –, como responsável pelo castigo divino que açoitava o povo. Paradoxalmente, alguns poucos e heróicos aficionados mantinham dois grupos amadores que faziam espetáculos cuja renda era em benefício dos pobres: o Grupo Aleixo Netto e o Charitas, este sob a direção do Clímaco Sales, que destinava a renda de seus espetáculos para as obras de melhoramento da Santa Casa de Misericórdia.

Mas estava escrito que o teatro em terras capixabas nunca teria sua época áurea. Tendo chegado ao máximo da pobreza, a cidade começou a reação natural com vários melhoramentos. E foi exatamente um desses melhoramentos que iniciou a decadência do nosso teatro, numa hora em que, melhorando a vida cultural, ele teria tudo para firmar-se. A 13 de janeiro de 1907 – um mês e cinco dias antes da chegada dos três primeiros bondes – foi inaugurada uma novidade que deslumbrou o capixaba: o cinematógrafo, no Edem Parque. E, a 20 de agosto, a rendição total: o Melpômene foi adaptado também para cinema.

Até a inauguração do Carlos Gomes, não se falou mais em teatro. A única referência que se tem a esse respeito é da representação do drama **O Testamento de um Carpinteiro**, pelas alunas do Colégio N. Sª. Auxiliadora, quando da inauguração de um asilo, em 27 de novembro de 1910.

Primeiro dia do mês de setembro de 1921. A Prefeitura Municipal contratou, mediante alguns favores do governo (o terreno foi doado à firma construtora com isenção de impostos municipais e estaduais por vinte e cinco anos), com o arquiteto André Carloni, a construção do Teatro Carlos Gomes, aquele cuja construção havia sido autorizada desde 1881. Carloni, também responsável pelo projeto do novo prédio, era aquele rapazinho italiano que havia ajudado na construção do Melpômene, agora um construtor famoso, responsável pelos principais prédios públicos da Capital. E conta que sofreu um grande susto, quando na noite de 8 de outubro de 1924, houve um princípio de incêndio na cabine de projeção do Melpômene, e, embora de pequenas proporções, alarmou a platéia apavorada, que atirou-se dos camarotes e das torrinhas para baixo, tendo sido, por este motivo, grande número de feridos. Por ser todo de madeira, as autoridades interditaram a casa de espetáculos, passando a funcionar apenas como sede do Serviço de Melhoramentos de Vitória. Em 1925, por sessenta contos de réis, foi comprado por Carloni, que, após sua demolição, ainda aproveitou alguns materiais em perfeitas condições, como as colunas de ferro fundido, que sustêm os camarotes, para a construção do Carlos Gomes, que foi finalmente inaugurado, a 5 de janeiro de 1927, pertencente a firma Carloni & Nicoletti. A primeira peça foi **Verde e Amarelo**, de Patrocínio Filho, representada pela Cia. Tan-Tan. No dia seguinte, houve a inauguração da parte cinematográfica.

No início, a euforia natural trouxe as grandes Companhias do Rio de Janeiro, como as de Vicente Celestino e Procópio Ferreira. Mas, pouco a pouco, devido ao alto preço cobrado, à falta de um grupo local e ao crescente interesse pelos filmes, o Carlos Gomes foi transformado em cinema apenas. Aproveitando o entusiasmo da inauguração do TCG, foi iniciada, em 1928, a construção do Teatro Glória, bem em frente àquele. Mas com o crescente desinteresse do público, foi inaugurado em 1932, como cinema, embora na década de quarenta funcionasse como teatro para algumas companhias cariocas. Em 1933, o Carlos Gomes foi adquirido pelo governo do Estado, embora ainda mantendo contrato com uma firma cinematográfica. O contrato foi rescindido em 1969, quando a impotente casa de espetáculos, que estava servindo a sede provisória para o Serviço de Turismo, com as instalações totalmente danificadas, só sendo aberta durante o carnaval, para bailes populares, inclusive tendo um de seus salões dianteiros ocupado por uma casa comercial, foi fechada para obras.

Até a metade do nosso século, o movimento teatral em Vitória foi nulo. Companhias cariocas faziam pequenas temporadas com certa regularidade, mas o teatro capixaba existia apenas nas peças publicadas e não apresentadas, como **A Muqueca da Belmira**, de Festo Guimarães, em 1937. Como em todas as épocas há sempre um "maluco maravilhoso", que, idealista, luta com todas as dificuldades, apenas por amor a arte, havia o professor Américo Guimarães Costa, um dos fundadores e diretor do TEC – Teatro do Estudante Capixaba –, que não durou muito tempo, mas interessou a classe estudantil para um novo campo.

Milson Henriques (na foto, em "Mordaça" – 1970) esteve presente nas principais manifestações teatrais realizadas em Vitória a partir de 1966.

Com a eleição do governador Jones dos Santos Neves, a esperança dos que lutavam pelo teatro capixaba recrudesceu. Grande amigo das artes, deu todo apoio ao agonizante TEC, contratando, entre outros benefícios, o professor Sadi Cabral para uma longa temporada em terras capixabas, a fim de orientar e ensinar teatro aos jovens amadores. Os resultados desse trabalho foram mostrados por ocasião do IV Centenário da Fundação da Cidade, em 1951, numa série de cinco espetáculos com a intenção de mostrar uma visão de conjunto do que foi feito em quatro séculos de teatro em terras do Brasil. O primeiro a ser apresentado foi **Auto de Nossa Senhora da Vitória**, de Nilo Bruzzi, escrito especialmente para a ocasião. Depois, o **Auto das onze Mil Virgens**, de Anchieta, **O Castelo da Taverna**, de Martins Pena, teatro do século XIX), **Nuvem**, escrita por Coelho Neto em 1908, representando as tendências sérias do moderno teatro brasileiro, inédita **A Volta**, de Samuel Rowet.

O Governador Jones dos Santos Neves lançou a idéia de uma escola de Teatro para aproveitamento de elementos locais. A vinda de Sadi Cabral para a cidade coincidiu com a volta, para Vitória, de Flodoaldo Vianna, que fora levado para excursionar pelo Brasil, pela atriz Carioca Leda Stella, quando de sua estada em Vitória, em 1940. Desfeita a Companhia, Flodoaldo, com total apoio do Governo, fundou, ainda em 1951, o Teatro Escola de Vitória, com moradores interessados e alguns elementos profissionais da extinta Companhia. (Leda Stella, em 1972, com mais de oitenta anos, apresentou-se no Carlos Gomes, no papel da avó do Chapeuzinho Vermelho).

O Teatro Escola não tinha nenhum pretensão intelectual, nem almejava pelo espírito de renovação. Seu interesse era apenas montar peças que o povo entendesse e se divertisse. E, durante dez anos, foi o único, chegando, em 1960, a apresentar em um só mês, dois, foi o único, chegando, em 1960, a apresentar em um só mês, dois, foi o único, chegando, em 1960, a apresentar em um só mês, dois